

ORGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS

Director
António Dias Lourenço

avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Ano 53 – Série VII – N.º 521
22 de Dezembro de 1983

Preço: 20\$00

SEMANÁRIO

Propriedade do Partido Comunista Português. Dir./Red. – Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 – Telex 18390 Composição e impressão – Heska Portuguesa Distribuição – CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º – 1000 Lisboa

COM AS CONCLUSÕES DO X CONGRESSO

PRONTOS
PARA NOVAS LUTAS



SEMANA

14

Quarta-feira

Protesto em Almada
Morre a pintora Sara Afonso, viúva de Almada Negreiros, vítima de pneumonia ■ Os trabalhadores da indústria naval do concelho de Almada ocupam simbolicamente as instalações do Banco Totta e Açores naquela cidade, exigindo o pagamento dos salários em atraso; o Banco tem responsabilidades na viabilização das empresas do sector ■ Mário Soares, que cada vez fala pior, afirma na inauguração do «Palácio das Telecomunicações» que a política de austeridade do Governo é para reduzir «drasticamente os défices exteriores do endividamento externo» ■ Começa em Bissau a reunião preparatória da cimeira dos chefes de Estado dos países africanos de expressão portuguesa ■ As marinhas de guerra dos EUA e de Israel voltam a atacar posições sírias no Líbano ■ Começa em Madrid o 11.º congresso do PCE ■ Um porta-voz do governo da RFA afirma que os primeiros mísseis nucleares norte-americanos estacionados naquele país estarão operacionais nos fins deste mês ■ Demite-se o governo boliviano.

15

Quinta-feira

Começa no Porto o X Congresso do Partido Comunista Português ■ Mota Pinto afirma à saída da reunião da Comissão Política do PSD que não vai haver qualquer remodelação governamental ■ Mário Soares, em almoço com o presidente Mobutu, do Zaire, afirma a sua disposição em cooperar na realização de projectos que contribuam para o desenvolvimento económico daquele país africano ■ A Associação Nacional das Farmácias decide suspender nos dias 20 e 21 os fornecimentos a crédito aos beneficiários dos Serviços Médico-Sociais em oito distritos, devido ao não pagamento pelo SMS da dívida às farmácias ■ As conversações de Viena entre os países da NATO e do Pacto de Varsóvia para a redução das Forças Armadas e armamentos na Europa Central são interrompidas sem marcação de data para o seu recomeço ■ As tropas sionistas continuam a bombardear os palestinianos em Tripoli, apesar do governo da Grécia afirmar ter recebido as garantias necessárias para a evacuação das forças da OLP.

16

Sexta-feira

A ANOP divulga a terceira carta enviada ao governo solicitando verbas para o pagamento das suas dívidas, salários e subsídios de Natal; as duas anteriores ainda não tiveram qualquer resposta, ao fim de trinta dias, apesar da sua manifesta urgência ■ O presidente do Zaire, de visita a Portugal, decide cancelar a sua visita ao Porto e à base de Tancos, devido «ao mau tempo» ■ Trabalhadores da Messa concentraram-se junto ao Ministério do Trabalho exigindo o pagamento dos salários ■ Partem do Pireu os cinco navios gregos que com a bandeira da ONU devem evacuar de Tripoli os combatentes da OLP e o seu dirigente, Yasser Arafat; entretanto em Beirute é anunciamdo um cessar-fogo entre a Frente de Salvação Nacional e o governo libanês ■ Ao mesmo tempo que as tropas racistas da África do Sul intensificam as acções militares contra Angola, o regime de Pretória faz chegar às Nações Unidas uma «proposta» para pôr termo às agressões, da autoria dos EUA e em que nenhuma garantia é dada.

17

Sábado

Embaixador de Angola
Ramalho Eanes empossa o novo Chefe de Estado-Maior do Exército, Salazar Braga ■ Termina em Lisboa o I Simpósio Nacional de Tecnologia da Informação que propõe ao Governo, entre outras coisas, o lançamento de um Plano Nacional de Tecnologia da Informação ■ A Comissão Permanente do PS emite um comunicado expressando o seu desejo de que apareça em Portugal outro PCP «criativo e dialogante com a esquerda democrática», congratulando-se ao mesmo tempo com o estado a que Portugal chegou, no campo financeiro; se o assunto não fosse tão sério, até era caso para rir... ■ Angola rejeita a falsa trégua proposta pela África do Sul e exige a retirada incondicional das forças racistas do território angolano ■ Uma centena de pacifistas bloqueiam por duas horas uma base americana na RFA ■ Atentado no centro de Londres provoca nove mortos e 75 feridos.

18

Domingo

AS PRENSAS DO GOVERNO NATAI
Termina no Palácio de Cristal, no Porto, o X Congresso do PCP, com a eleição dos novos dirigentes do Partido, que passa agora a contar com um Secretariado Político Permanente ■ A CGTP-IN anuncia que este Natal será uma grande jornada de solidariedade e luta dos trabalhadores portugueses, que em diversas vigílias e outras acções vão protestar contra a desastrosa política PS/PSD ■ Morre em Lisboa o realizador de cinema Henrique Campos ■ O ministro da Agricultura da RFA afirma que a adesão de Portugal e da Espanha à CEE é desnecessária e cara, do ponto de vista agrícola ■ Começa em Bissau a cimeira dos chefes de Estado de Angola, Moçambique, Cabo-Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe ■ A aviação de Pretória ataca povoações do sul de Angola.

19

Segunda-feira

É publicada no «Diário da República» a nova lei das rendas comerciais que permite não só aumentos brutais imediatos como institui aumentos anuais acompanhando as taxas de inflação ■ Realiza-se em Alcântara uma homenagem a José Dias Coelho, assassinado há 22 anos pela PIDE ■ João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira, afirma que o CDS local «é um bando de fascistas»; a afirmação vem na sequência do agravamento das relações entre o PSD e o CDS da Madeira, que rivalizam na atribuição mútua das piores ofensas ■ O Presidente da República recebe em audiência Hermann Axen, presidente do Comité de Política Externa da RDA, que se deslocou a Portugal para participar no X Congresso do PCP ■ Pela primeira vez, em 28 anos, o Partido Liberal Democrático do Japão perde a maioria absoluta no Parlamento ■ Os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE analisam as consequências imediatas do malogro da cimeira de Atenas.

20

Terça-feira

Sem explicações concretas, numa manobra em que a irresponsabilidade é nota saliente, os dois vereadores do PS na Câmara Municipal de Faro suspendem os seus mandatos ■ O Governo é firmemente criticado pelo seu comportamento no combate aos efeitos das recentes cheias, numa exposição subscrita em conjunto pelos presidentes das câmaras Municipais de Arruda dos Vinhos, Cascais, Oeiras e V. Franca de Xira, autarcas cujos presidentes foram eleitos respectivamente em listas do PS, PSD, CDS e APU ■ Com destino a várias nações árabes, cerca de 4 mil combatentes do movimento palestiniano «Fatah» partem de Tripoli, em cinco navios gregos com a bandeira da ONU. Yasser Arafat embarcou num «ferry-boat» para o porto de Hodeida, no Yemen do Norte.

Editorial



X CONGRESSO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

COM O PCP CONTINUAR ABRIL

UM GRANDE CONGRESSO VOLTADO PARA O FUTURO

Vieram dos fundos das minas da Borracheira e de Aljustrel; dos estaleiros de Viana, da Ria de Aveiro, de Alverca, das docas gigantes da Margueira e de Praias do Sado; dos altos fornos, máquinas e bancadas do grande Porto operário, de Ovar, de S. João da Madeira, da vasta mancha industrial de Lisboa e Setúbal; dos teares e tramas da Corda do Ave, de Guimarães, de Fafe, do Valongo, da Senhora da Hora, da serrana Covilhã; das cristalarias e vidraceiras da Fontela, da Marinha Grande, de Santa Iria da Azóia; das grandes redes do transporte ferroviário, rodoviário, urbano; das bateiras e traineiras de Matosinhos, de Peniche, Sesimbra, Sines, Portimão, do sotavento algarvio.

Muitos, com as suas famílias, vivem o inferno do desemprego e dos salários em atraso.

Vieram também das UCPs/Cooperativas da Reforma Agrária (e até da pequena cooperativa de produtores de Gonçalo); das courelas do Minho, da Veiga de Chaves, do vértice arraiano onde o Agueda desemboca no Douro; do Baixo Mondego, da Cova da Beira, dos vales do Tejo e do Sado, das parcelas dos seareiros de campanha das Lezírias, das pequenas explorações agrícolas (antigas fajãs açorianas) de Vila Franca do Campo e da Ribeira Grande; das «colonias» da Madeira; das terras onde se semeia e colhe o pão, se fermenta o vinho, se extrai o azeite, se cultivam primores.

Ainda outros dos meios intelectuais e dos centros culturais e científicos de Lisboa, Coimbra, Porto.

Enfim, das fábricas, dos campos, dos escritórios, das escolas, dos sindicatos e outras colectividades, das estruturas e gestão autárquicas; de todos os rincões do nosso País de Abril onde pulsa o coração das massas populares, de toda a parte onde flui a vida, o trabalho e a luta do povo, eles e elas vieram até ao Porto, até ao Congresso do seu grande e heróico Partido de classe, trazer-lhe o contributo sem preço de uma rica experiência acumulada, de uma firme determinação revolucionária, de uma invencível confiança no Partido, na luta do povo, nos destinos do seu país.

E para continuar Abril.

No resto o sentido da responsabilidade mas também o transbordante entusiasmo, o calor solidário, a alegria da fraternidade.

Este o quadro social e humano deste inesquecível X Congresso do PCP.

Mas, para além dele, o Congresso do Porto constitui um marco na história do movimento operário português e na vida do PCP.

Antes de tudo, pelo elevado teor político e pelo timbre ideológico dos documentos e intervenções.

No próprio Congresso como nos debates que o antecederam, com o seu democratismo peculiar e exemplar.

O Partido que se fez representar no Palácio de Cristal do Porto revelou-se como um vigoroso colectivo politicamente maduro, ideologicamente coeso, solidamente vinculado às massas populares, estreitamente inserido na realidade nacional, na vida, nos problemas e aspirações do País, fortemente organizado e

articulado entre si, ciente do seu papel insubstituível nas grandes transformações sociais da actualidade.

Também consciente de falhas que é preciso colmatar e superar.

Os homens, mulheres e jovens delegados que passaram pela tribuna do Congresso não produziram intervenções apenas literária e oralmente qualificadas, mesmo quando reflectiam a singeleza do orador. Trouxeram sobretudo ao Congresso a síntese de uma experiência vivida e superiormente elaborada, por vezes notáveis teorizações sobre uma prática de mãos na massa e, de maneira geral, a resposta necessária às grandes preocupações da hora presente.

Os delegados ao X Congresso do PCP não somente trouxeram ao órgão supremo do seu Partido o quadro vivo do País real como apresentaram soluções válidas e profundamente reflectidas para vencer o nosso atraso secular e para resolver os graves problemas políticos, sociais, económicos e culturais do momento português actual criados ao longo dos últimos oito anos pelos sucessivos governos de recuperação capitalista, inquinados de direita e fazendo a pior política de direita como o actual Governo Soares/Mota Pinto que levou a crise à sua expressão mais aguda e trágica.

Aqueles que obstinadamente negam ao PCP capacidade para elaborar e participar activamente numa alternativa democrática à desacreditada política e ao Governo actuais deveriam ter visto e ouvido os homens e as mulheres que passaram pela tribuna do Congresso. Deveriam, com um mínimo de isenção, ler e estudar os documentos fundamentais dele emanados — que neste número do «Avante!» publicamos e vamos continuar a publicar — debucar-se sobre o conjunto das intervenções e materiais produzidos e reflectir seriamente sobre o valor da contribuição que os comunistas portugueses estão dando ao seu povo, ao seu País e ao regime democrático para a conquista de uma vida melhor.

O Congresso despertou o interesse de todos os democratas e patriotas que partilham com os comunistas ideias fundamentais comuns para arrancar o País do atoleiro em que o atascaram os governos de recuperação capitalista, latifundista e imperialista — um ciclo inaugurado com uma falsa força institucional em 1976 com o primeiro Governo PS sozinho, que, com Mário Soares, assume de novo na fase actual a direcção do processo contra-revolucionário.

Milhares de convidados e representantes de outras formações e movimentos políticos e sociais portugueses acompanharam e viveram o exaltante Congresso do Porto, puderam verificar ao vivo o profundo democratismo e o entranhado devotamento ao povo e à democracia dos comunistas portugueses, puderam viver e partilhar a incontável alegria e entusiasmo de um Partido indispensável à construção do futuro.

Naturalmente, com a cegueira habitual, os incorrigíveis anticomunistas que diariamente falsificam a verdade histórica e a política do PCP tentaram dar o X Congresso a sua visão deformada e deformadora.

No Porto, o verdadeiro Partido marxista-le-

nista que é o PCP comprovou a aplicação criadora dos princípios à realidade social e política portuguesa.

No Porto foi reafirmado de maneira directa e viva que para o PCP a firmeza de princípios não significa a recusa ao diálogo e que é uma estulta pretensão que para esse diálogo o PCP deva mudar de «ideologia», tornar-se acomodaticio às solicitações oportunistas e de classe de gente que navega nas águas turvas da conciliação com a direita.

O X Congresso reafirmou, precisou e deu nova força às conhecidas propostas políticas do PCP correspondentes a soluções válidas e aspirações comuns com um vasto leque de forças sociais e políticas actualmente maioritárias, dispostas a empenharem-se num projecto democrático de salvação nacional.

Na verdade, o X Congresso do PCP foi a demonstração viva da pujança revolucionária dos comunistas portugueses em defesa da democracia e para continuar Abril.

A subida de mais de 30 000 militantes desde o Congresso do Barreiro há 4 anos num efectivo de mais de 200 000, o refreshamento dos seus órgãos dirigentes, são índices da crescente influência do PCP na vida nacional e uma indicação concreta da sua vitalidade.

Do seu Congresso do Porto, o PCP saiu mais determinado e apto para levar avante as suas grandes tarefas como força imprescindível da democracia portuguesa, da luta pela elevação das condições de vida dos trabalhadores e do povo, do seu combate ininterrupto pelo progresso social, a paz e a independência de Portugal.

Uma nota destacada do X Congresso do PCP foi a participação internacionalista de mais de 60 delegações estrangeiras. A tribuna do Congresso foi ponto de esclarecimento das grandes questões que preocupam o mundo, de esclarecimento responsável dos problemas da paz e do desanuvamento, de denúncia das graves ameaças que pesam sobre a Humanidade, resultantes da política aventureira do «pistoleiro» Reagan.

O Congresso representou a consagração do papel do PCP como importante componente do movimento comunista e operário internacional, como partido aberto ao diálogo entre irmãos de classe, com uma notável influência no debate ideológico e na aproximação entre os povos.

A partir de agora vai começar outra batalha: a da aplicação das decisões unanimemente aprovadas pelo Congresso. Pôr todo o Partido a viver em torno das grandiosas linhas de acção é, a partir de agora, a tarefa central dos comunistas.

Fortalecer o Partido, trazer novos militantes às suas fileiras, melhorar a organização são tarefas inseparáveis de uma crescente intervenção dos comunistas na vida política nacional.

O X Congresso significou o termo vitorioso de uma batalha — será desde agora o ponto de partida para novas batalhas e novas vitórias.

Como disse Álvaro Cunhal no final dos trabalhos, é uma batalha para travar e para vencer!



Avante!
Povoários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal

dos trabalhadores
da democracia
e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista

Português. Rua Soeiro Pereira Gomes

- 1699 - Lisboa CODEX

1983. Tel. 768345

ADMINISTRAÇÃO: Editorial Avante!

SARL. Av. Santos Dumont, 57-3º Dtº

1000 Lisboa Tel. 768744 769751

DIRECÇÃO E REDAÇÃO: Rua Soeiro

Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX

1983. Tel. 769725 769722

DISTRIBUIÇÃO:

CDP. Centro Distribuidor Livreiro,

SARL. Serviços Centrais. Av. Santos

Dumont, 57 - 2º - 1000 Lisboa

Tel. 779828 779825 769751

Casa da Venda em Lisboa: Rua do

Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 372238

Centro Distribuidor de Évora:

Alcarroba de Baixo, 13 - 7000 Évora

Tel. 269100

Centro Distribuidor de Faro:

Rua 1º de Dezembro, 23 - 8000 Faro

Tel. 24417

Delegação do Norte

Centro Distribuidor do Porto:

R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto

Tel. 693908 696915

</

PCP

X Congresso - Partido Comunista Português - Porto • 15 a 18 de Dezembro • 1983**Álvaro Cunhal no comício de encerramento:****Nas últimas dezenas de anos, os povos conseguiram grandes vitórias no caminho da construção do socialismo**

Rapidamente, o recinto que abrigara o X Congresso tornou-se no recinto do primeiro comício do Partido após o encerramento dos trabalhos. Às quatro da tarde de domingo, uma multidão aguardava, enchendo completamente o vasto espaço circular do Palácio de Cristal e os vários «anéis». Agora sem as separações que o Congresso propunha — delegados à frente, convidados, convidados especiais, personalidades —, a multidão ocupava tudo, bandeiras vermelhas flutuavam no ar.

No Congresso, na grande sala, sobrava o entusiasmo com que culminaram os trabalhos. Da decoração tinha ficado o tecto multicolor, o grande painel de fundo com o lema do Congresso — com o PCP continuar Abril — e a grande tribuna onde tinham tomado lugar a Mesa e os convidados estrangeiros. Foi para ela que se encaminharam os membros do Comité Central eleitos havia poucas horas. A frente, o secretário-geral do Partido, os membros efectivos e suplementares da Comissão Política e do Secretariado; depois todos os outros elementos do CC, efectivos e suplementares. A presidir, o camarada Ângelo Vélos.

As mesas e as cadeiras

onde os delegados haviam tomado lugar tinham desaparecido num ápice, logo após o encerramento do Congresso. Delegados e convidados, antes mesmo de pensar no almoço, «limparam» a sala onde agora se aglomeravam a par de militantes comunistas, amigos do Partido, populares, trabalhadores do Porto e da região. Delegados e convidados de outras partes do País distinguiram-se ainda, não só pelos cartões, mas pelos sacos que traziam na mão, muitos deles preparados para arrancar logo no final do comício para as camionetas, carros, comboios.

Se os momentos vividos ao longo dos três dias e meio do X Congresso pelos que participaram e assistiram aos seus trabalhos, foram inesquecíveis momentos de ardor revolucionário, de internacionalismo empenhado, momentos em que a reflexão e a combatividade andaram de par, o comício foi a primeira manifestação pública de que esse ardor, esse empenhamento, essa combatividade encontram eco nas massas de trabalhadores e de democritas.

O camarada Vidal Pinto, recentemente eleito membro suplementar da Comissão Política do CC, que falou antes da intervenção do camarada Álvaro Cunhal, saudou em nome dos comunistas do Porto os convidados nacionais e estrangeiros, sublinhando a importância da realização do X Congresso na cidade.

Depois falou o camarada Álvaro Cunhal. Todos os membros do CC mantiveram-se de pé. A assistência estava de pé, a mesa do comício imitou-a.

Logo nos primeiros momentos do discurso do secretário-geral do Partido, se pôde constatar que entre as análises feitas e os sentimentos e aspirações do povo havia uma evolução completa. Os aplausos fervorosos várias vezes saudaram aspectos importantes do discurso.

Durante cerca de uma hora, Álvaro Cunhal divulgou, resumindo-as, as conclusões do Congresso, começando pela análise da situação internacional.

Na verdade, se observarmos a evolução mundial — sublinhou o camarada Álvaro Cunhal — verificamos que nas últimas dezenas de anos, os trabalhadores e os povos não só reforçaram como conseguiram grandes vitórias no caminho da construção do socialismo, da conquista da Independência nacional, na conquista de regimes democráticos e na defesa dos interesses fundamentais dos trabalhadores e dos povos do mundo. São vitórias históricas que a agressividade do imperialismo não pode esconder. E respondendo à propaganda intensa que se faz para mostrar o contrário, nós devemos ter confiança que, assim como nas últimas dezenas de anos a evolução mundial foi a favor das

povos, que é solidário com a luta de libertação dos povos e que dá uma contribuição efectiva para a defesa da paz mundial, e o imperialismo, um Estado agressivo, um Estado que leva a cabo agressões, acções militares para esmagar a luta libertadora dos povos e que procura também pôr em causa as conquistas já alcançadas nos próprios países socialistas.

E mais adiante, referindo-se à luta pela paz e ao combate à agressividade imperialista, afirmou o secretário-geral do PCP:

Lendo certa imprensa no nosso país, sobretudo certa imprensa que procura afirmar-se independente e neutral, dir-se-lá que a responsabilidade do agravamento da situação internacional está no fim de contas nas duas «superpotências». Que a responsabilidade temos que dividi-la ao meio — quando muito, vê lá, quatro quintos para um lado, um quinto para o outro, — mas que a responsabilidade seria fundamentalmente dos Estados Unidos e da União Soviética.

Pelo nosso lado, nós queremos declarar, com toda a nitidez, que pensamos que não

se podem meter no mesmo saco um país que defende a

desarmamento, pelo desarmamento e outras reivindicações, outros objectivos que são, para nós portugueses, válidos, que são válidos para o povo francês ou o povo inglês, ou o povo alemão, os povos da Europa.

Mas há também uma outra forma de lutar pela Paz em Portugal, uma outra direcção da nossa luta pela Paz, e essa direcção é a luta contra

um Governo que capitula perante o imperialismo, que se

tornou servilíssimo do imperialismo norte-americano e

que está disposto a ceder facilidades aos americanos

para a sua política agressiva.

Lutando contra o Governo

do PS/PSD, pela sua demisão,

por uma alternativa democática, por um governo

democrático, com uma política

externa de paz e de amizade com todos os povos,

nós damos também uma contribuição, e será contribuição, para a defesa da paz.

O secretário-geral do PCP

passou depois à análise da si-

tuação política portuguesa, ba-

seada nas conclusões do Con-

gresso, sublinhando particularmente o agravamento da situação social por parte de um Governo cuja política visa exclusivamente beneficiar os grandes capitalistas e latifundiários, os senhores ricos e os grandes especuladores. O nosso povo — afirmou porém Álvaro Cunhal — tem forças bastantes para derrotar a contra-revolução.

A análise da crise, a luta do povo em defesa da revolução, a fragilidade da actual coligação, o quadro partidário onde existe espaço político para novos partidos que podem atrair os que não se reconhecem já no PS de Mário Soares não se reconheceram entretanto no PCP, a perspectiva e a necessidade de uma alternativa democrática, foram outros dos pontos abordados pelo dirigente comunista.

Finalmente, Álvaro Cunhal, falando sobre o reforço do Partido, terminou:

Com o CPP continuar Abril foi a consigna do nosso Congresso e faremos tudo para estarmos à altura dessa consigna.



PCP

X Congresso - Partido Comunista Português - Porto • 15 a 18 de Dezembro • 1983



Lista das intervenções

1.ª sessão — Quinta-feira, 15/XII — manhã

Ángelo Veloso, membro suplente da Comissão Política do Comité Central.

Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do Partido Comunista Português.

José Fernandes, operário químico, membro do Executivo do Secretariado da célula da Quimigal (Barreiro).

Maria Luísa Salsinha, operária agrícola, membro do Plenário da Direcção da Organização Regional do Alentejo.

António Eduardo Gonçalves, membro do Secretariado do Concelho de Loures.

Vasco Paiva, membro do Comité Central, fala sobre os problemas do campesinato.

2.ª sessão — quinta-feira, 15/XII — tarde

Emídio Ribeiro, membro do Secretariado da Direcção da Organização Regional do Porto, apresenta o relatório sobre a respectiva organização.

Augusto Carvalho, operário têxtil, membro do Secretariado da célula de «Sampaio & Ferreira» (Riba d'Ave).

Gracinda Melo, engenheira e investigadora científica, membro da célula dos Investigadores Científicos e Quadros Técnicos da Organização Regional de Lisboa.

José Marques, pescador, membro do Executivo da Comissão Concelhia de Olhão.

José Rodrigues Antunes, membro do Secretariado da Direcção da Organização Regional do Minho, apresenta o relatório sobre a respectiva organização.

Manuel Sampaio, empregado bancário, membro da Comissão Concelhia de Vila Real.

Sérgio Vilariques, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, sobre quadros.

Matilde Ramalho, jornalista, membro da célula da Anop (Lisboa).

Alexandre Balas, ferroviário, membro do Secretariado da célula da CP (Entroncamento).

Modesto Navarro, escritor, membro do Organismo de Recreio de Artes e Letras da Organização Regional de Lisboa.

Fernando Blanqui Teixeira, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, sobre a organização.

Brasileina Ribeiro, operária química, membro da célula da CIFA (Valongo).

Mikhail Gorbatchev, membro do Bureau Político e Secretariado do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, saudação ao Congresso.

António Orcinha, membro suplente do Comité Central e do Secretariado da Direcção da Organização Regional de Lisboa, apresenta relatório sobre a respectiva organização.

Ramiro da Cunha Reis, operário têxtil, membro da Comissão Concelhia da Covilhã.

Joaquim Caetano Tofes, membro do Secretariado da Direcção da Organização Regional de Leiria, apresenta relatório sobre a respectiva organização.

Aurélia Santos, membro do Comité Central, sobre a informação e propaganda.

Arménio Carlos, electricista, membro do Secretariado da célula da Carris e do Organismo de Direcção do Sector dos Transportes da Organização Regional de Lisboa.

Emilia Lídia, trabalhadora de refeitório, membro da célula da Lissabona e da Comissão Concelhia de Almada.

Diamantino Silva, serralheiro civil, membro do Secretariado da célula das Minas de Aljustrel e da Comissão Concelhia de Aljustrel.

Jorge Araújo, membro do Secretariado do Comité Central, sobre luta ideológica.

Herman Axen, membro do Bureau Político e Secretariado do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, saudação ao Congresso.

Ruth Neto, Secretária-Geral da Organização das Mulheres Angolanas e membro do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho, saudação ao Congresso.

Hernan Estrada, chefe da secção da Europa do Departamento das Relações Internacionais da Frente Sandinista de Libertação Nacional, da Nicarágua, saudação ao Congresso.

3.ª sessão — sexta-feira, 16/XII — manhã

António Santo, membro do Comité Central e do Secretariado da Direcção da Organização Regional da Beira Litoral, apresenta relatório sobre a respectiva organização.

Armando Ferreira, membro do Organismo interconcelhos do Rio.

Manuel Freitas, membro do organismo para o trabalho sindical da Organização Regional do Porto.

Ana Paula Henriques, membro do Secretariado da Direcção da Organização da Região Autónoma da Madeira, apresenta relatório sobre a respectiva organização.

Joaquim Judas, membro da Comissão para o Trabalho entre a Emigração, apresenta relatório em nome dessa comissão.

Maria Helena Serra, médica, membro do Organismo de Direcção da Saúde do Sector Intelectual de Coimbra.

Rogério Mendonça, electricista, membro da célula da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense (Almada).

Joaquim Gomes, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, sobre aspectos financeiros do Partido.

Abel Silva, tipógrafo, membro do Executivo da Comissão da Ilha Terceira (Açores).

Manuel Curvacho, agricultor, membro da célula dos pequenos e médios agricultores da Organização Concelhia de Alpiarça.

Dimitri Stanichev, membro do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, saudação ao Congresso.

Aurélia Manave, Primeiro-Secretário da Província de Gaza e membro do Comité Central do Partido FRELIMO, saudação ao Congresso.

Polednik Indrik, secretário do Comité Central do Partido Comunista da Checoslováquia, saudação ao Congresso.

Manuel Sobral, membro do Comité Central e do Secretariado da Direcção da Organização Regional de Setúbal, apresenta relatório sobre a respectiva organização.

Maurício de Sousa, inspector do ensino primário, membro da Comissão Distrital de Viana do Castelo.

Vítor Dias, membro suplente do Comité Central, intervém em nome da Comissão de Redacção.

Fernanda Gaspar, monitora de alfabetização, membro da célula dos eleitos comunistas da Câmara Municipal da Moita.

António Dias Lourenço, membro da Comissão Política do Comité Central, apresenta relatório da Comissão de Verificação de Mandatos.

Luis Carvalho, delegado de informação médica, membro do Organismo de Direcção do Sector Intelectual da Organização Regional do Porto.

Domingos Abrantes, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, sobre as lutas da classe operária.

Miklós Ovari, membro do Bureau Político e Secretário do Comité Central do Partido Operário Socialista Húngaro, saudação ao Congresso.

Karim Mrone, membro do Bureau Político do Partido Comunista Libanês, saudação ao Congresso.

Hoongf Ha, membro suplente do Comité Central do Partido Comunista do Vietname, saudação ao Congresso.

José Decq Mota, membro suplente do Comité Central e do Secretariado da Direcção da Organização da Região Autónoma dos Açores, apresenta relatório sobre a respectiva organização.

Isabel Pacheco, operadora de informática, membro do Executivo da Comissão Concelhia da Amadora.

Carlos Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, sobre o Partido e o Poder Local.

Zara Said Amir, membro do Comité Central do Partido Democrático Popular do Afeganistão, saudação ao Congresso.

Hamidja Pozdor, membro da Presidência da Liga dos Comunistas da Jugoslávia, saudação ao Congresso.

Hwang Zang Yop, secretário do Comité Central do Partido do Trabalho da Coreia, saudação ao Congresso.

Piero Fassino, secretário da Federação de Turin e membro da Direcção do Partido Comunista Italiano, saudação ao Congresso.

Hermann Gautier, Vice-presidente do Partido Comunista Alemão, saudação ao Congresso.

Abdel-Latif Abu Hilla (Abu Jafar), Director-Geral do Departamento Político da Organização de Libertação da Palestina — OLP, saudação ao Congresso.

Volodia Teitelboim, membro do Bureau Político e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista do Chile, saudação ao Congresso.

Armando Morais, membro do Comité Central e do Secretariado da Direcção da Organização Regional da Beira Interior, apresenta relatório sobre a respectiva organização.

José Alves Narciso, agricultor, membro da Comissão Concelhia de Sabrosa.

Luis Mendonça dos Santos, operário da construção civil, membro da Comissão Concelhia de Lamego.

Leonor Gomes, responsável pelo trabalho dos Pioneiros

José de Sousa Guerreiro, comerciante reformado, membro da célula dos pequenos e médios empresários da 1.ª Zona do Comité Local de Lisboa.

Vieira Mendes, engenheiro, membro da Comissão para o Trabalho Sindical da Direcção da Organização Regional do Porto.

António Murtinha, membro do Comité Central, sobre a Reforma Agrária.

José Vitor da Silva, operário montador, membro do Executivo da Comissão Concelhia do Seixal.

Abdul Ghani Abdul Kader, membro do Bureau Político do Partido Socialista Iemenita, saudação ao Congresso.

Mario Aguilera Carranza, membro do Bureau Político do Partido Comunista de El Salvador e membro da Direcção Unificada de Farabundo Martí de Libertação Nacional, saudação ao Congresso.

Marius Mouabenga, ministro da Agricultura e Pecuária da República Popular do Congo e membro do Comité Central do Partido Congoleño do Trabalho, saudação ao Congresso.

Seppo Tolvinainen, membro do Bureau Político do Partido Comunista da Finlândia, saudação ao Congresso.

Simon Gerson, membro do Comité Central, Presidente da Comissão de Acção Política do Partido Comunista dos Estados Unidos da América, saudação ao Congresso.

Giocolino Dias, Secretário-Geral do Partido Comunista Brasileiro, saudação ao Congresso.

Serafim Brás da Silva, membro do Secretariado da Direcção da Organização Regional de Trás-os-Montes, intervém sobre a respectiva organização.

Francisco Caixinha, membro do Organismo Sindical dos Trabalhadores Agrícolas e do Plenário da Direcção da Organização Regional do Alentejo.

Fernando Amaro, empregado da hotelaria, membro do organismo distrital para o Trabalho Sindical e membro do Plenário da Direcção da Organização Regional do Algarve.

Manuela Barreto, trabalhadora da Função Pública, membro do Executivo do Organismo de Direcção do Sector da Função Pública da Organização Regional de Lisboa.

Zita Seabra, membro do Comité Central, sobre os problemas das mulheres.

Custódio de Sousa Santos, agricultor, membro da Comissão Concelhia de Óbidos.

Rogério Fernandes, professor universitário, membro do Organismo de Direcção dos Professores da Organização Regional de Lisboa.

António Augusto Pereira, operário cartonageiro, membro do Organismo de Direcção da 6.ª Zona do Comité Local de Lisboa.

Joaquim Nunes, operário agrícola, membro da Comissão Concelhia de Alcácer do Sal.

José Carreila Marques, empregado, membro da Comissão Concelhia e da Comissão Distrital de Beja.

Armando Fernandes, professor do ensino primário, membro da Comissão Concelhia de Torres Novas.

António Silva, agricultor, membro da Comissão para o Trabalho Camponês da Direcção da Organização Regional do Minho.

José Nascimento, empregado bancário, membro da Comissão Concelhia de Alcôchete.

Serafim Nunes, economista, membro da Comissão Concelhia da Maia.

Abílio Rodrigues, agricultor, membro da Comissão Concelhia de Vila Nova de Foz Coa.

José Luís da Silva, operário agrícola, membro suplente do Comité Central e da Comissão Concelhia de Avis, da Comissão Distrital de Portalegre e do Plenário da Direcção da Organização Regional do Alentejo.

Francisco Santos, itinerário, membro do secretariado da célula da Cooperativa Belarmino e do Organismo de Direcção do Sector dos Gráficos do Comité Local de Lisboa.

Joaquim Duarte Silva, de Vizela.

Dionísio Molsés, operário agrícola, membro da Comissão Concelhia de Coruche e do Plenário da Direcção da Organização Regional de Santarém.

Dois mil é muita gente

Duas mil pessoas é muita gente. Quando devidamente «arrumadas» parecem simultaneamente mais ou menos: mais porque ocupam superfícies maiores que os ajuntamentos desordenados, menos pela facilidade com que se circula entre elas. De qualquer modo é sempre muita gente.

Agora imaginemos toda essa gente a cumprir uma determinada tarefa ou ocupada na mesma função — como congressistas, por exemplo. Olhá-las, então, oferece o singular espetáculo de uma coluna gigantesca onde o trabalho é em si uma linha contínua de vultos e vontades a entreter no tempo e nos tempos das mesas o próprio corpo do Congresso. Neste caso o X Congresso do PCP no Palácio de Cristal do Porto. Olhá-las é descobrir como o número não consegue apesar de tudo definir a quantidade com exactidão. Mesmo sabendo que duas mil pessoas é muita gente.

Além disso viajar entre estes dois mil congressistas era percorrer um pouco o País: do Minho ao Algarve cruzando todo o território continental pelas zonas que o constroem, indo aos arquipélagos dos Açores e Madeira e um pouco a todo o vasto mundo do esforço emigrante. Homens e mulheres do todo nacional, em representação de milhares de organizações do Partido e dezenas de milhares de comunistas — homens e mulheres que em número de

dois mil marcavam a presença no Palácio de Cristal não apenas da mais poderosa organização política do nosso País, mas da vontade final dessa grandiosa força que antes reunira, discutira, propôs, alterava, sintetizava e finalmente levava para o Porto os resultados do grande debate das Teses, que foi sem dúvida um dos mais importantes acontecimentos políticos nacionais destes anos.

O território dos delegados — ocupando quase três quartos do vasto círculo da pista do Palácio frente à tribuna do Congresso — rev

X CONGRESSO
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
 PORTO - 15 a 18 de DEZEMBRO - 1983
COMO PCP CONTINUAR ABRIL

gente

Se a aridez que significam horas a fio de discursos é na verdade a grande ameaça de qualquer encontro, não o é menos que a terapêutica a tal ameaça está na importância das orações e no nível de expectativa dos ouvintes. O X Congresso do PCP provou-o abundantemente. Delegados e convidados — estes às centenas em cada sessão — participaram sem desfalcamentos de atenção em tudo o que se produziu na tribuna. Não houve uma única das largas dezenas de intervenções, que passasse despercebida ou não recebesse, individualmente, o impacto das impressões dos ouvintes. Quer se tratasse de questões de organização, se falasse de Reforma Agrária ou de sindicalismo, se comentasse a política governamental ou se discutisse a urgência da paz.

Os delegados, é claro, foram o grande motor que alimentou a vivacidade do Congresso. Muitos falaram e todos interviveram nos discursos, dando-lhes o público necessário e a atenção merecida. O silêncio atento, o aplauso clamoroso, o cumprimento simpático, a cumplicidade do riso foram companheiros da generalidade dos oradores que, da tribuna, iam falando ao Congresso.

Depois nos intervalos das sessões era o desarrumar bulícioso desta multidão. Conheci-

dos ou não uns dos outros, os delegados formavam, desfaziam e tornavam a formar grupos que alastravam pelos recintos e jardins do Palácio como cardume em expansão. Gargalhava-se com gosto, discussão-se ainda, passeava-se simplesmente. A «bica» era ponto de encontro obrigatório, uma aberta nos temporais que acompanharam todo o Congresso, um convite irrecusável ao passeio ao ar livre. E faziam-se compras nos diversos stands que a organização pôs à disposição dos presentes no Palácio de Cristal. E trocavam-se informações, moradas, apontamentos, simpatia.

Havia delegados de todo o País — entrevistá-los seria ouvir de uma vez as impressões dos trabalhadores portugueses o que, sendo uma oportunidade única, sofria de evidente inexequibilidade jornalística. Optou-se pelo possível — a observação global dos seus movimentos como colectivo, a interpretação objectiva das suas reacções como grupo de intervenção, a fruição do espectáculo que era ver duas mil pessoas a construir um momento histórico.

Um ou outro depoimento recolhido no acaso do Pavilhão servirão tão só para ilustrar o que foi o contacto com tal multidão.

«As tarefas difíceis são para os comunistas...»

Um ápice! Quando se desvaneciam ainda no ar os ecos dos últimos aplausos que sublinharam o encerramento dos trabalhos do Congresso, um apelo foi lançado aos delegados, para que se procedesse ao desarmar das mesas e cadeiras.

Foi pôr de lado a pasta com os documentos, os cadernos de apontamentos, os sacos, a gabinete e o sobretudo e vai dali, em poucos minutos, a vastíssima sala do Congresso transformou-se em praça de comício. Cadeiras foram empilhadas e levadas para fora, mesas desarmadas. O transporte começou. Quem tivesse saído durante breves minutos, ao voltar não reconheceria a sala.

Mas havia ainda muito mais a fazer. O tecto multicolor, o lustre das luzes, a instalação sonoro, a grande tribuna que durante o comício acolherá os membros do Comité Central e dos seus organismos executivos recentemente eleitos, os panos de fundo e o grande painel com o lema do X Congresso.

Pela frente havia apenas 36 horas, muitos camaradas estavam cansados não apenas de quatro dias de trabalho mas de muitos mais dias que haviam gasto na construção de um local digno do Congresso. «Não vai ser nada fácil», disse o camarada.

Apelou calorosamente à ajuda dos militantes.

Para entregar o pavilhão à meia-noite do dia seguinte era ainda necessário muito trabalho. «Mas as tarefas difíceis

são para os comunistas e nós somos comunistas...»

Um ápice! À meia-noite desse mesmo dia, o grande lustre já tinha sido desligado — uma operação complexa e difícil —, já seguia a primeira camioneta de material para Lisboa em direcção ao armazém central.

Os estrados que cobriam larga parte do recinto tinham sido levantados e arrumados; grande parte da carpintaria da vasta tribuna fora desmontada; os panejamentos à volta do recinto tinham sido retirados — em poucas horas, camaradas que na sua maioria já haviam dado um contributo esforçado na implantação, davam novo esforço para que o Partido pudesse cumprir o compromisso assumido.

Muitos desses camaradas que, num ápice, restituíram a face de cimento e vidro ao Palácio que albergaria o Congresso, estavam quase arrasados de trabalho. Mas não deixaram de corresponder ao apelo. Porque as tarefas difíceis são para os comunistas...



Primeiro o apelo aos delegados: era necessário desarmar rapidamente mesas e cadeiras, para à tarde, dar lugar ao grande comício de encerramento. Depois, numa coisa de rápidos minutos, era assim: o trabalho estava concluído. Quem tivesse saído na ocasião, de volta não reconheceria a sala gigante. Tudo um ápice!

Álvaro Cunhal com delegações estrangeiras

Nos dias 13, 14, 15, 16, 17 e 18 deste mês, o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, teve encontros com delegações dos seguintes partidos presentes no X Congresso do Partido Comunista Português:

Partido Comunista Brasileiro, Partido Democrático Popular do Afeganistão, Partido Comunista Romeno, Partido Comunista da Checoslováquia, Partido Comunista Búlgaro, Partido Comunista da União Soviética, Partido Socialista Unificado da Alemanha, Frente Sandinista de Libertação Nacional (Nicarágua), Partido Operário Unificado Polaco, Partido Operário Socialista Húngaro, Partido do Trabalho da Coreia, Partido Comunista de Cuba, MPLA-Partido do Trabalho, Partido Fretilino, Liga dos Comunistas da Jugoslávia, Partido Popular Revolucionário Mongol, Partido Comunista Francês, Comissão para a Organização do Partido dos Trabalhadores da Etiópia (COPTE), Partido Baas da Síria, Partido Socialista Iemenita, Partido Comunista Italiano, Partido Comunista do Vietname, Partido Comunista Libanês, Partido Congolês do Trabalho, Partido Comunista Sírio, Partido Comunista Sul-Africano.

Nos encontros realizados foi reafirmada a vontade comum de reforçar as relações de amizade e solidariedade existentes entre o PCP e os Partidos e Organizações respectivas.

atingindo-se uma discussão muito viva das Teses apresentadas pelo Comité Central, que foram enriquecidas pelas numerosas propostas dos militantes.

«Por exemplo: na maior frequência da cidade de Setúbal, a freguesia de S. Sebastião, a que pertence, a organização do Partido realizou uma assembleia (noticiada no «Avante!») em que foram eleitos os delegados ao Congresso, na base de um delegado por cem militantes, assembleia que se integrou no conjunto de iniciativas realizadas para debate preparatório do Congresso.

«Nos trabalhos que têm decorrido, aqui no Palácio de Cristal, para além, naturalmente, das comunicações apresentadas, da excelente apresentação da sala e do apoio prestado aos delegados, há um aspecto que "automaticamente" toca a sensibilidade de qualquer pessoa: o clima de fraternidade e coesão, e o seu natural reflexo nas votações.

«Outro tema deste Congresso — o internacionalismo proletário e a solidariedade internacional — dá a esta bela assembleia a verdadeira dimensão dos sentimentos que animam as forças do progresso social em todo o Mundo, destacando-se a profunda consciência quanto aos perigos da guerra e destruição da Humanidade.»

José Francisco Cheira
40 anos, Beja:

«Este Congresso é, em primeiro lugar, uma demonstração de pujança e de combatividade do Partido. Só uma organização como a do PCP tem

capacidade e dinamismo para erguer uma iniciativa destas. «Sobre a discussão realizada, não há dúvida que temos aqui a síntese precisa do pensamento, das opiniões e da vontade expressas durante as actividades preparatórias que antecederam o Congresso, em especial durante o intenso trabalho realizado em torno das Teses».

«No caso de Beja, aproveitei para informar, realizaram-se a nível do distrito cerca de 120 reuniões e plenários com a participação directa de 3500 membros do Partido. Através da documentação divulgada e dessas reuniões, foi contactada 90 por cento da organização na fase preparatória do Congresso.

«Sobre a realização do X Congresso, quero destacar a profunda ligação das intervenções à realidade e aos problemas concretos que se vivem, quer no plano político, económico, social e cultural, quer no plano das tarefas partidárias. E também a óptima organização e acolhimento dispensado a todos os delegados pelos camaradas do Porto.

«Quanto ao «Avante!», pois foi com enorme satisfação que o comprei aqui no Palácio de Cristal, há poucos minutos.

«É uma presença obrigatória nesta assembleia. A oportunidade informativa desta edição, o facto de ter cor, o seu conteúdo, os gráficos coloridos sobre o crescimento do Partido e a composição social dos militantes e também sobre a participação no Congresso são motivos de sobra para uma observação atenta deste número especial. Pelo que já vi, constitui um «primeiro filme» do Congresso».

X Congresso do Partido Comunista Português - Porto - 15 a 18 de Dezembro - 1983



«Avante!», edição especial sobre o Congresso — uma presença aplaudida com grande entusiasmo no domingo de manhã, no Palácio de Cristal



Recepção de delegados Um prodígio à moda do Porto

Arranjar instalações para quase duas mil pessoas durante os quatro dias do Congresso no Porto é obra! Mas arranjá-las utilizando exclusivamente a hospitalidade dos comunistas da zona do Porto, garantir os transportes para e do Palácio de Cristal, organizar o «encaminhamento» de tanta gente (desconhecida da cidade) e ainda por cima conquistar os aplausos unâmes da generalidade dos «utentes», é prodígio que merece relevo!

Tudo aconteceu como nos filmes — garantia um camarada da DORA, abolido em Cedofeita — estávamos a ver aquelas fitas sobre grandes evacuações de cidades? Pois aqui não se evacuava a cidade, enchiámos a cidade com o pessoal que a partindo daqui, direitinho à casa do amigo que o recebia, sem demoras nem atrapalhações!

Como nos filmes. Até com um pequeno pandemónio inicial, fruto da excitação e falta de «leamento», o que em breve deu lugar a uma eficácia sem engarrafamentos, exceptuando os da cidade propriamente dita, la-se e vinha-se sem problemas, atrasos ou transtornos, como se tudo de repente vivesse no Porto com a vantagem de muitos anos. E aqui surge o primeiro encómio aos camaradas do Porto que se encarregaram de pôr os visitantes a par com a geografia da cidade, ou pelo menos com os «corredores» necessários caso a caso.

Mas a coisa requintou muito para além da eficácia. Por todo o lado se ouviam elogios à simpatia da recepção, à cordialidade dos encontros com os «hospedeiros», à disponibilidade e atenções destes.

Houve quem tivesse o cuidado de adquirir bilhetes pré-comprados para oferecer aos respetivos hóspedes, quem neles pegasse para lhes mostrar alguns pontos da cidade, quem, na emergência de acomodar ainda mais gente do que o previsto, saísse de casa para a

entregar, inteirinha, aos visitantes. Quem — requinte dos requisitos — cuidasse de colocar botijões de água quente para os hóspedes não habituados ao frio do Norte, ou providenciasse para que os pequenos almoços nem faltassem!

Mas que gente está! — ouvia-se com frequência — deram-nos as chaves, explicaram onde estavam as coisas, insistiram em que as utilizássemos, vigiavam para verificarmos que fazíamos, e depois deixavam-nos a casa à vontade!

Que gente esta. Comunistas, pois — e enxertados na tradicional hospitalidade nortenha. A receber uma multidão de desconhecidos com a franqueza das amizades velhas e a disponibilidade que a generosidade tem. Marcaram pontos em todo o País, os camaradas e amigos de Portugal.

É necessário relevar igualmente os aspectos organizativos da recepção, instalação e acompanhamentos dos visitantes. Só a mobilização das vontades (e casais) constitui faria obviamente vasta, a que se juntaria a organização dos centros de recepção centralizados nos Centros de Trabalho do Partido, as brigadas de recepção e acompanhamento aos camaradas vindos de fora. Uma tarefa complexa a que só de facto um Partido como o PCP se poderia abalar com sucesso. Os resultados, esses seriam não apenas satisfatórios mas frequentemente espetaculares.

*Dezigos,
O bilhete é para os deles, embora eu exemplar cinco.
Princípio: Se lhes apetecer petiscar (o que seria scandaloso no fim de um dia de trabalho) encontram com que em cima da mesa de cozinha (o resto está no frigorífico).*

Segundo: A que horas querem que os cheguem? Pelo que me diz respeito, estarei aí desde as 7h, porque tenho de estar no Palácio um pouco antes das 9h. Deixem um papelinho à porta do quarto, com a indicação.

Terceiro: Liguei-me de vos dizer que, nos guarda-vestidos (passo a expresso) de cada quarto, há espaço para pendurarem coisas.

Quarto: Despisei de uma noite repousante e até amanhã!

Isabeline

P.S. — Se não nos viram aninhá de manhã, não deixem de tocar o pequeno almoço; a Isabel está suficientemente habituada a tratar disso.

N.D.P.

A legenda é quase dispensável: o «bilhete» aqui reproduzido fala-nos da hospitalidade e do carinho que desde a primeira hora rodeou no Porto os camaradas que se deslocaram de diferentes (e em muitos casos bem distantes) regiões do País para participarem nos trabalhos do X Congresso do PCP. Os comunistas residentes nos concelhos da área urbana do Porto receberam, assim, em suas casas, os que vinham de fora, como irmãos a quem se quer dar o melhor da nossa hospitalidade. Não interessam mais palavras. Apesar o registo dum «bilhete» apanhado no meio dum conversa, na imensidão do Palácio de Cristal em dia de Congresso do Partido



Pioneiros

Particularmente emocionante foi a entrada dos Pioneiros de Portugal na tribuna do Congresso, já na ponta final dos trabalhos. Vestidos a preceito, empunhando flores com predominância de cravos vermelhos, agitando panos multicolores e surgiendo como por encanto na zona da tribuna, povoaram os estrados do Congresso com uma explosão de vida e de cor.

Se o entusiasmo que vibrava no Palácio era já em si um espetáculo de vitalidade e alegria, com o aparecimento dos Pioneiros libertava-se uma espécie de exaltação mágica percorrida de emoção. Seriam homenageados, os jovens Pioneiros, com a talvez mais quente e prolongada ovacão de todo o Congresso. Aplausos e cor em

movimento habitariam por completo, durante alguns minutos, o Palácio de Cristal, sincronizando um dos momentos mais belos e exaltantes ali vividos. Os cravos e as flores foram passando para as mãos de todos os que se encontravam na tribuna, os panos multicolores, agitados sem cessar, prolongando a ovacão de todo o Congresso. Aplausos e cor em

Enquanto isto uma voz juvenil enviava, cristalina, a mensagem dos Pioneiros ao Congresso: falando a Vida, reivindicando a Felicidade, propondo o entendimento entre os Homens, recusando a guerra e sublinhando que ali, no Congresso, as crianças tinham o seu lugar, e o assumir por inteiro e próprio.

PCP

Oito comícios de solidariedade e uma nota comum: a Paz

As saudações e mensagens internacionalistas que os convidados e delegações estrangeiras trouxeram ao X Congresso não ficaram confinadas ao que foi lido na tribuna, no interior do Palácio de Cristal. Nas noites de sexta-feira e de sábado, cerca de três dezenas de delegações levaram as suas palavras de paz e de amizade por várias terras do norte do País. De Viana do Castelo a Coimbra, de Freamunde à Póvoa do Varzim, de Braga a Espinho, de Ovar a Rio Tinto, os camaradas estrangeiros, acompanhados por dirigentes do PCP, tiveram oportunidade de, frente a militantes comunistas portugueses e amigos do Partido, a democratas, fazer os seus discursos de saudação ao Congresso.

Apesar do mau tempo que caracterizou ambas as noites, as salas de pequenas colectividades ou grandes saídas locais encontraram uma assistência atenta, calorosa e fraternal, sublinhando com aplausos as lutas de partidos irmãos, de outros povos. Discursos ditos em línguas estranhas ou mais conhecidas, traduzidas pelos intérpretes que acompanharam as delegações, foram aplaudidos com vivo interesse. O ambiente de internacionalismo proletário, de solidariedade, de amizade, transbordou, pois, do Palácio de Cristal.

Em Viana do Castelo, o comício teve lugar no Teatro Sá da Bandeira, tendo assistido uma centena de pessoas aos discursos da delegação do PC de Espanha, representada pelo camarada Francisco Herrera, do CC do PCE; da Fretilin, por

Roque Rodrigues, membro da Direcção Política e embaixador na República Popular de Angola; de Ali Hassan Salih, do CC do Partido Comunista Jordano e representante do PCJ na «Revista Internacional»; de Said Amir Zarra, do CC do Partido Popular Democrático do Afeganistão. No final, os Pioneiros ofereceram cravos aos membros das delegações. A intervenção final foi proferida pela camarada Branca de Carvalho, suplente do Comité Central do PCP.

Em Coimbra, o comício teve lugar no Centro do Recreio Popular Norton dos Matos. Falaram os camaradas Mussa, do CC do PC Iraquiano e representante do PCI na Revista Internacional; Sharma, do Bureau Político do PC da Grã-Bretanha; Aniuska Weil, do

Comité Central do Partido Suíço dos Trabalhadores, e Marius Aguiñada Carranza, do Bureau Político do Partido Comunista de El Salvador. As delegações estrangeiras eram acompanhadas pelos membros do CC do PCP António Santo e Sofia Ferreira e pelos membros da Comissão Concelhia de Coimbra, Alberto Vilaça e Anita Vilar. Foi esta camarada que proferiu a intervenção final. As delegações foram oferecidas prendas de cerâmica regional e houve também um convívio animado por um grupo musical de jovens — o Grupo do Ateneu de Coimbra.

Ainda na sexta à noite, houve comício em Freamunde, no salão dos Bombeiros Voluntários locais. Acompanhados pelo camarada Sérgio Teixeira, do CC do PCP, estiveram presentes e entrevistaram as seguintes delegações: Jamal Mousa, do Bureau Político do PC de Israel; A. Deboer, do CC do PC da Holanda; Carlos Julio Baez, do CC do PC Sul-Africano e director do jornal «The African Communist». Os convidados foram oferecidas peças de artesanato em madeira, seguindo-se, no final, um convívio.

No Póvoa do Varzim, foi na Associação Comercial que teve lugar o comício em que participaram os camaradas Harry Flichtbeil, do Bureau Político e

do Secretariado do CC do Partido Socialista Unificado de Berlim-Oeste; Karel André Niels, do Bureau Político e do Secretariado do CC do Partido Comunista da Noruega; Eduardo Vieira, do Bureau Político e do Secretariado do CC do Partido Comunista do Uruguai e director do órgão central do PCU, e Yuri Sklarov, redactor-chefe da «Revista Internacional» e membro do CC do PCUS. A intervenção final foi proferida pela camarada Helena Medina, membro do CC do PCP. Antes de convívio que se seguiu foram oferecidas às delegações prendas regionais, no caso um par de «poveiros».

Na noite seguinte, outros quatro comícios se realizaram. Um deles em Braga, no Liceu Sá de Miranda. Na mesa tomaram lugar, para além dos convidados estrangeiros, membros de organizações locais do Partido e o camarada António Lopes, do CC do PCP. Interviewaram os camaradas Yasuo Ogata, do CC do Partido Comunista do Japão; Reginald Soto, do CC do Partido Guatemaletco do Trabalho, e Shihepo, do CC da SWAPO, membro do secretariado para as Relações Externas. O camarada António Lopes encerrou as intervenções, tendo sido entregues prendas aos convidados — cerâmica regional —, após o que se seguiu um convívio.

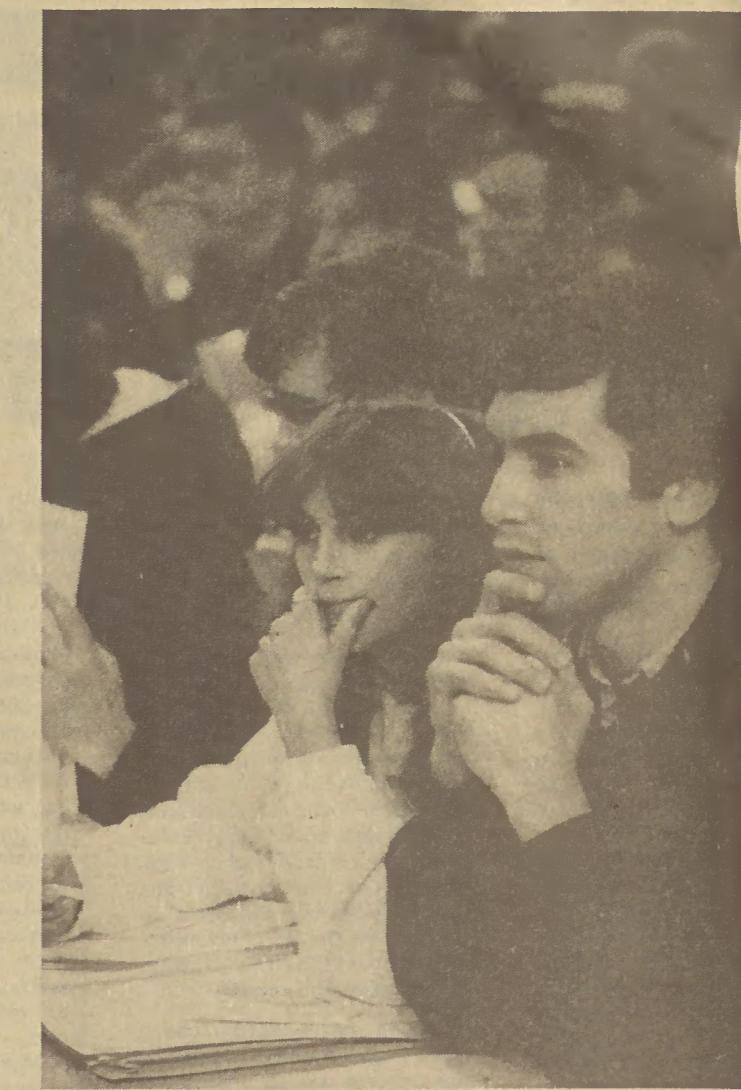
Em Espinho, depois de um encontro no Centro de Trabalho, os convidados foram conduzidos para a sala da Piscina onde eram já aguardados por cerca de duas centenas de pessoas. Tomaram a palavra os camaradas Robert Dussart, do Bureau Político do CC do PC da Bélgica; Ernest Mon-toussamy, do Bureau Político do PC de Guadalupe; Adolfo Sanchez Rebolledo, do Partido Socialista Unificado do México e, também, a camarada Rut Neto, do CC do MPLA-Partido do Trabalho. Em nome do CC do PCP, o camarada Roussado saudou as delegações convidadas. Seguidamente houve uma sessão de Canto Livre, após o que se seguiu um convívio. Aqui, as prendas foram cravos.

Cerca de 250 pessoas assistiram, em Ovar, ao comício realizado no cinema local. Interviewaram os camaradas Irma Schwager, do Bureau Político do PC da Áustria; Ramadas Larazaba, do Bureau Político do PC da Venezuela, e Simon Levy, do Partido do Progresso e do Socialismo de Marrocos. Não podia estar presente mas enviou uma saudação o representante da OLP. Por parte do PCP interveio o camarada Vasco Paiva, do Comité Central. No decorrer do comício actuou o cantor do Porto, Sérgio Men-

des. No final, houve uma breve recepção no Centro de Trabalho. Foram oferecidas miniaturas de barcos moliceiros aos convidados.

Em Rio Tinto: o comício realizou-se na Escola Preparatória local com a presença de mais de meia centena de pessoas que enchiham completamente a sala. Na mesa, além de representantes da Comissão Concelhia e dos convidados, encontrava-se o camarada Avelino Gonçalves, suplente do CC, que encerraria o comício. Intervieram os camaradas Ihan Lenroth, do CC do Partido da Esquerda — Os comunistas da Suécia, Donald Ramotar, do Bureau Político do Partido Popular Progressista da Guiana e Voldod Teitelboim, do Bureau Político do Partido Comunista do Chile. Depois, as prendas. E após o comício, um convívio entre os convidados estrangeiros e camaradas portugueses encerrou a jornada de solidariedade.

Os comícios de solidariedade, cada um em terras diferentes, em zonas de maior ou menor influência do PCP, tiveram entretanto muita coisa em comum. A primeira foi o calor reservado aos representantes de partidos irmãos. Outra nota foi o internacionalismo proletário, sublinhado pela assistência em cada intervenção. Os discursos



socialismo. Em condições e etapas diversas. E mostraram uma preocupação fundamental que é partilhada por todos os povos do mundo: a Paz. A luta pela Paz foi, em todas as intervenções a que foi dado aos representantes do «Avante!», assistir, a nota mais sublinhada, o denominador comum.

**X CONGRESSO
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS**
PORTO - 15 a 18 de DEZEMBRO - 1983

O que os delegados estrangeiros pensam do nosso X Congresso

O X Congresso do PCP foi também, para além de uma demonstração viva de internacionalismo, uma tribuna para os partidos irmãos e forças revolucionárias que estiveram entre nós estes quatro dias. Sessenta partidos e movimentos de quase todos os continentes, como oportunamente divulgámos.

O «Avante!» aproveitou naturalmente a oportunidade para um contacto mais directo com a realidade dos povos em luta, dos países em que se defende a revolução, dos que constroem o socialismo. De todos os que hoje fazem frente ao imperialismo e à ameaça de guerra de extermínio que a sua política agressiva comporta.

Do fruto dos contactos realizados com camaradas e amigos de diversos países, em particular de zonas onde se vive uma realidade muito tensa, iremos dando conta. Para já, num número do nosso jornal fundamentalmente virado para o X Congresso, reproduzimos os depoimentos recolhidos sobre o próprio Congresso.

• Partido Popular Democrático do Afeganistão — Said Amin Zarra, membro do CC

«O vosso Congresso realiza-se num momento particularmente difícil da vida política internacional, quando o imperialismo acelera a sua estratégia agressiva contra os países e movimentos progressistas, contra os processos revolucionários e mesmo a existência de alguns países como nações independentes. Daí a importância reforçada do Congresso, não só na vida interna do País, mas também no plano internacional.

«Estamos convencidos de que este Congresso dará novo e forte impulso à luta da classe operária e de todos os trabalhadores de Portugal

• Partido Comunista Alemão — Hermann Gautier, Vice-Presidente

«Do vosso Congresso, parece-me que há três coisas importantes a destacar:

«1.º — O PCP é um Partido do proletariado e um Partido de massas, está intimamente ligado às massas trabalhadoras.

«2.º — Do ponto de vista político e ideológico, o Partido revelou aqui um elevado nível.

Todos os presentes compreendem correctamente a situação mundial, o papel do imperialismo, assumem uma clara atitude em relação ao socialismo.

Na situação de tensão actual e de agudização dos problemas e contradições, esta é uma questão decisiva para um Partido Comunista.

«3.º — O vosso Partido apresenta uma clara alternativa à política fracassada da coligação PS/PSD. Isso ficou bem claro no relatório apresentado por Álvaro Cunhal. Mas igualmente se verifica nas intervenções sobre temas específicos, por exemplo em relação à defesa da Reforma Agrária, a situação dos trabalhadores nas empresas, os problemas dos intelectuais, da cultura, o papel dos órgãos de soberania, a administração local. Em síntese — é evidente o domínio de todos os assuntos.»

• Partido Comunista da Grécia — António Abatêdo, membro do Bureau Político

«Assistindo aos trabalhos do vosso glorioso Congresso, posso dizer que estamos a caminhar juntos para o mesmo objectivo. Por coincidência am-

bos os nossos Partidos são de países considerados fronteiras da Europa, o que é dizer que estamos numa zona quente. Mas avançamos no nosso caminho. Apesar de todos os obstáculos seguimos rumo aos grandes objectivos da Pátria e da causa do socialismo.»

• Partido Comunista de Israel — Jamal Mousa, membro do Bureau Político

«Um Congresso magnífico, cheio de força, definindo uma clara linha política que aponta também para a defesa da paz, da unidade do movimento comunista internacional e de todas as forças progressistas, de solidariedade com a União Soviética. Uma unidade fundamental para o fortalecimento da solidariedade entre os povos do mundo, para fazer face a problemas tão graves como o perigo da corrida aos armamentos nucleares por parte dos Estados Unidos.»

«É igualmente natural que o PCP não só defende a revolução democrática, mas simultaneamente trave a luta pela consolidação da democracia e pela independência nacional.»

• Partido Comunista Libanes — Nandim Abdul Samad, membro do Bureau Político e Secretário do CC

«Fiquei particularmente impressionado com a total ausência de espírito triunfalista. Falasse dos verdadeiros problemas do País, e profunda e seria-

mente dos problemas do vosso Partido. Abordam-se as questões com a seriedade própria de um verdadeiro partido marxista-leninista.»

• SWAPO (Namíbia) — Shihepo, membro do CC e Secretário Adjunto das Relações Externas

«Sempre admirámos a força e determinação do PCP, o seu consequente apoio à luta de libertação, não só em África, mas de todos os povos em luta contra o domínio colonial e a opressão.»

• Frente Sandinista de Libertação Nacional da Nicarágua — Herman Estrada, Chefe da Secção da Europa do Departamento de Relações Internacionais

«Temos de tomar bem em conta a experiência dos camaradas comunistas portugueses, a experiência da Revolução de Abril — é isto que sinto. Chamei-me particularmente a atenção a militância, a organização, a unidade que aqui se manifestam. Estou plenamente convencido que a Revolução de Abril vai prosseguir. Que,

como destacou Álvaro Cunhal — apesar dos problemas e até dos recuos a Revolução de Abril não morreu.»

• Organização de Libertação da Palestina (OLP) — Abu-Jafar, director do Departamento Político

«Unidade, organização, espírito internacionalista — creio que é esta a impressão que todos levamos daí, do vosso Congresso, do vosso Partido. Um espírito internacionalista que se manifestou de forma inequívoca para com os movimentos de libertação, para com a OLP, para com o Chile, simbolo da luta antifascista, ou ainda para com os representantes de países como o Afeganistão ou a Polónia. O que bem reflecte a compreensão, por parte dos militantes do PCP, da causa comum por que todos lutamos.»

• Frente Sandinista de Libertação Nacional da Nicarágua — Herman Estrada, Chefe da Secção da Europa do Departamento de Relações Internacionais

«Temos de tomar bem em conta a experiência dos camaradas comunistas portugueses, a experiência da Revolução de Abril — é isto que sinto. Chamei-me particularmente a atenção a militância, a organização, a unidade que aqui se manifestam. Estou plenamente convencido que a Revolução de Abril vai prosseguir. Que,

tudo os comunistas portugueses estão empenhados no bem do seu povo, no bem de Portugal.»

• 2.º — O vosso Partido é oposição. Mas não pratica uma política meramente negativista. Critica o que considera não estar de acordo com os interesses da classe operária, com os interesses do povo. Simultaneamente propõe programas alternativos, desde as questões municipais aos problemas nacionais.»

• 3.º — O PCP realiza tarefas patrióticas e simultaneamente baseia a sua actividade, de forma consequente, nos principios do internacionalismo proletário.

• 4.º — Impressionou-nos particularmente a maturidade, o entusiasmo, que se manifestam na realização das tarefas e ainda o carácter colectivo do vosso trabalho, bem expresso na elaboração do projecto de Programa do vosso Partido, como na sua forma final.

• 5.º — Destacamos também o desenvolvimento ininterrupto do PCP, a presença da juventude e das mulheres, a sua grande actividade. Em síntese, permitam-me utilizar uma comparação: houve um período histórico em que o povo português se distinguiu pelos descorimentos. Acompanhando as sessões do Congresso, tendo presentes as bases do seu Programa, parece-nos que, nas condições actuais, o vosso Partido surge como o grande

descobridor de novos horizontes para o povo português. Um horizonte de desenvolvimento, de acordo com os princípios de justiça social, de democracia, de um merecido lugar entre os países do mundo da Paz e do Socialismo.

• 6.º — Agradecemos uma vez mais a todos os delegados ao Congresso, a todos os membros do Partido, e através deles aos trabalhadores portugueses, pela compreensão, a participação no internacionalismo proletário.

• 7.º — Pensamos que o PCP é maravilhoso. Pelo espírito de unidade, pela determinação, revelada também no duro trabalho necessário para erguer este Congresso. Das raízes do Partido, do seu crescimento constante — os números falam por si.

• 8.º — A vossa ação é importante, não só para Portugal, também para a Europa e o mundo.

• 9.º — Também nós beneficiamos da luta dos povos de Angola, de Moçambique, da Guiné, acção e luta ligadas à do PCP, numa unidade cujo prosseguimento será favorável a todos nós.»

• Partido Comunista Sul-Africano — Brian Bunting, membro do CC, director do Órgão central do PCSA

«Pensamos que o PCP é

maravilhoso. Pelo espírito de unidade, pela determinação, revelada também no duro trabalho necessário para erguer este Congresso. Das raízes do Partido, do seu crescimento constante — os números falam por si.

• A vossa ação é importante, não só para Portugal, também para a Europa e o mundo.

• Também nós beneficiamos da luta dos povos de Angola, da Guiné, acção e luta ligadas à do PCP, numa unidade cujo prosseguimento será favorável a todos nós.»

• Partido Comunista do Uruguai — Eduardo Vieira, membro do Bureau Político

«É um grande Congresso. A força e coerência do vosso Partido faz, sem dúvida, do PCP, o maior poderoso Partido de Portugal. Força e coerência que admira também da fusão entre um núcleo formado na resistência ao fascismo e os novos quadros, forjados na complexa luta actual.»

• Partido Socialista Unificado da Alemanha — Hermann Axen, membro do Bureau Político e do Secretariado do CC

«O que mais ressalta neste Congresso é a força do vosso Partido, a presença viva da sociedade portuguesa, da realidade actual — também fruto da luta abnegada e dura do PCP na luta contra a ditadura. Uma força e uma presença que não são gratuitas. Assentam na grande disciplina, na organização, na eficiência, no próprio espírito de solidariedade internacionalista, sempre presente.»

• Partido Comunista Sul-Africano — Brian Bunting, membro do CC, director do Órgão central do PCSA

«Pensamos que o PCP é

maravilhoso. Pelo espírito de unidade, pela determinação, revelada também no duro trabalho necessário para erguer este Congresso. Das raízes do Partido, do seu crescimento constante — os números falam por si.

• Partido Comunista da Grécia — António Abatêdo, membro do Bureau Político

«É importante também — na base da compreensão das causas da tensão actual — que todos os Partidos se pronunciem pela coesão e a unidade, pela necessidade de uma resposta que rechace as pretensões do imperialismo.

• Todos nós estamos convencidos de que a causa da Paz, da democracia e do socialismo — apesar de todas as dificuldades e complexidade de situações — vai inevitavelmente triunfar. Porque na luta que travam, os comunistas expressam os mais profundos e vitais interesses de todos os povos.»

• Obrigado ao Porto

E a terminar:

«Espero que os camaradas não vão poupar estas duas ou três linhas de agradecimento aos trabalhadores da cidade do Porto pela hospitalidade com que nos acolheram para o Congresso. As maiores felicidades para os habitantes desta cidade.»

Trabalhadores**SALÁRIOS EM DÍVIDA**

Participação é decisiva

Todos à vigília de amanhã!

- Concentração no Rossio às 21 horas
- Manifestação do Rossio a São Bento
- Vigílias e concentrações no Porto e outros pontos do país

Segundo os dados mais recentes, divulgados no princípio desta semana, havia 120 mil trabalhadores com salários em atraso em todo o País. Só no distrito de Lisboa estavam 30 mil nessa situação. Entre os sectores mais atingidos incluem-se os têxteis, a metalurgia, a construção civil.

Nunca apuramento sumário contava-se em meados de Dezembro, a nível distrital em Lisboa, 118 empresas que não cumprem as suas obrigações salariais ao fim do mês. Para referir apenas números de Dezembro, acrescente-se que nos têxteis, sector dos mais fortemente atingidos, e só na região do Porto, as dívidas do patronato em matéria de remunerações atingiam mais de 600 mil contos em 15 do corrente. Em empresas como a Sorefame, a Messa, Cifa, Somapre, Setenave, Corame, CP, Gelmar, variando em bora da casa para caso as situações concretas e as perspectivas, verificavam-se, e continuam a verificar-se, quer atrasos, quer dívidas, algumas talvez incobríveis no valor de muitos milhares de contos. Sectores como a construção naval da margem sul do Tejo juntam, como noutras casas, aos salários em atraso a insegurança geral do emprego, os despedimentos, mesmo dramas pessoais e situações de desespero.

No que respeita aos contratos colectivos de trabalho e outras convenções colec-

tivas a situação não é melhor. Na construção civil o contrato não é revisto há mais de dois anos. Na metalurgia, metalomecânica e minas o boicote patronal prolonga-se há meses. Os números são também aqui reveladores de uma política decididamente virada contra direitos e regalias elementares. O Governo atira-se a quem trabalha como gato a bofe. Enquanto o secretário de Estado do Orçamento revela (8 de Dezembro) que já se pagaram cerca de 144 milhões de contos de in-

demizações — certamente a maior parte delas as que se apressam a tomar outra vez nas mãos as rédeas da economia — 92 por cento dos desempregados não recebe o competente subsídio. Aumentam os respectivos descontos para o Fundo. Estão previstos 48 milhões de contos de 1984, mas os «beneficiários» só receberão 14 milhões.

Entretanto, só na Gelmar, que emprega à volta de 700 trabalhadores, sobe a 67 mil contos o total dos salários em dívida. Outras empresas, que em situações diferentes poderiam produzir muito mais e aumentar os postos de trabalho, sofrem de instabilidade crônica, recorrem à banca com juros acumulados e

sempre maiores. Gestores e grande patronato escudam-se num Governo que promete «medidas para o saneamento da indústria», enquanto o insuspeito «Financial Times» citado pelo «Tempo» dá como provável a «dispensas» de 20 a 40 por cento dos >250 mil trabalhadores do sector estatal — leia-se: as maiores fontes de emprego no País.

Preparar o desemprego

Este Governo, se não acabar a tempo, levará o desemprego a níveis insuportáveis. A falta dos salários, que bem poderia figurar como ponto programático da política PS/PSD, é a

tentativa mais séria para atingir esses níveis. O que a AD não conseguiu é agora prosseguido com determinação. Numa altura em que os preços entram em órbita — aumento de 30 por cento em Outubro, findo relativamente ao mesmo mês de 1982 — o Orçamento do Estado corta no investimento produtivo, nas despesas de natureza social, aumenta os impostos, reduz os salários reais, abre a banca, os seguros, os cimentos ao grande capital explorador.

Para «sanear a indústria» o Governo não revê dezenas de contratos colectivos. Sectores tão vastos como a Função Pública, construção civil, metalurgia e metalomecânica continuam a ver-se perante o recurso a formas de luta, apenas para conseguirem que a contratação colectiva funcione, pelo menos quanto às revisões salariais.

No entanto, ministros e secretários de Estado mostram-se na televisão como se nada disso fosse com eles. Referem-se quando muito à «crise». Mas falam na generalidade, como se os salários em atraso, o aumento do custo de vida, os despedimentos fossem parte inevitável de uma austeridade, que aliás o Governo não controla, nem quer controlar.

Já se sabe entretanto

que os gestores vão ganhar mais 17 por cento com retroactivos a Julho. Mas não se sabe que aumentos haverá na Função Pública. Desconhece-se qualquer posição do Governo. Para lá das promessas não há sequer uma contrapartida. Nem o direito à contratação está garantido no sector.

junto do Governo e de outras entidades os direitos mais irrecusáveis dos trabalhadores. Se assim não fosse este Governo teria acabado até com qualquer veléidade de diálogo, teria fechado completamente a porta da negociação, que ainda mantém com as organizações representativas de

vão reclamar na rua o cumprimento dos contratos, salários em atraso, 13.º mês, viabilização de empresas, segurança do emprego, remunerações compatíveis com o aumento do custo de

vida.

Será dito não à fome e ao desespero de muitas famílias que ultimamente tiveram oportunidade de ver até onde já foi e pode ir a «austeridade» deste Governo de degradação nacional.

«Temos direito a receber os nossos salários»; «ninguém pode dizer que não vai ficar sem salário no mês seguinte»; «sector a sector, empresa a empresa, casão a casão, os trabalhadores têm propostas e têm-nas apresentado»; «nós sabemos que a solução não está no encerramento de empresas ou nos despedimentos, situação que o patronato força não pagando os salários» — lê-se na documentação distribuída pela CGTP, Sindicatos, Federações e Uniões sindicais.

As vigílias, concentrações e manifestações de amanhã, juntamente com outras formas de luta (pois a luta prossegue em empresas e sectores) vão representar mais um passo na mobilização solidária, na conjunção de esforços para alcançar objectivos tão comuns e indispensáveis como um simples prato à mesa no dia de Natal.

**Internacional****Africa**

Política do imperialismo passa por Lisboa

Se as coincidências em política têm sempre (ou quase sempre) um carácter suspeito, as coincidências que se têm registado na actuação da diplomacia do Governo PS/PSD para com a África Austral ultrapassam todos os limites do aceitável.

Por Lisboa passaram, num curto espaço de tempo, altos responsáveis de Angola e de Moçambique, da África do Sul e do Zaire, enquanto o ministro Jaime Gama se desdobrava em propostas de cooperação com os países de expressão oficial portuguesa. No intervalo entre uma presença africana e outra, como quem não quer a coisa, chegou o vice-presidente dos Estados Unidos, George Shultz, com o objectivo declarado de assinar o novo acordo sobre a base das Lajes.

Até aqui, se nada mais se tivesse passado, pouco mais haveria a apontar à diplomacia africana de Jaime Gama do que as críticas já feitas quanto à pretensão de servir interesses contraditórios, designadamente no que se refere ao interesse nacional e às vantagens de boas relações com as ex-colónias, e a defesa dos interesses norte-americanos e da África do Sul.

Mas houve muito mais do que isso. O ministro racista «Pik» Botha que esteve em Lisboa duas vezes, no princípio e no final da sua digressão pela Europa capitalista, manifestou claramente a sua satisfação pela forma como decorreram as negociações com o Governo português, justamente enquanto Washington e Pretória concluíam um novo acordo sobre a questão da Namíbia ocupada pelos racistas sul-africanos e cozinhavam uma proposta de trégua com os responsáveis portugueses e Georges Shultz, que apesar de

vir assinar o acordo das Lajes trouxe consigo o subsecretário de Estado adjunto para os assuntos africanos, Frank Wisner.

Uma cadeia de coincidências, portanto, em que Portugal ocupa o primeiro plano com os Estados Unidos como pano de fundo, no que se pode considerar como uma autêntica investida diplomática para a África Austral.

Se lhes juntarmos a presença do presidente Mobutu do Zaire, conhecido pelas suas posições seguistas em relação à Casa Branca; o desmembramento do chamado Grupo de Contacto para a Namíbia, com as consequências daí resultantes para os planos norte-americanos, e o clássico comportamento dos Estados Unidos quando se trata de defender os seus interesses vitais e de desenvolver planos de paz, o resultado é uma complexa engrenagem em que Portugal ocupa um lugar que dificilmente poderá deixar de ser considerado de ponta de lança do imperialismo norte-americano.

Mas será mesmo assim?

Numa dessas coincidências referidas no início, acontece que Matos Proença foi o enviado especial de Jaime Gama a Angola e Moçambique, onde entregou as propostas de institucionalização das relações entre os países de língua portuguesa e tratou das próximas visitas de Jaime Gama e Mário Soares a Moçambique. Diligências convenientemente tratadas antes do encontro com Botha.

Sem dúvida também por uma dessas coincidências o gabinete de Jaime Gama procurou fazer-se convidado para a cimeira da Guiné-Bissau realizada no passado fim-de-semana, quando em Lisboa as questões da África Austral eram tema de debate entre os responsáveis portugueses e Georges Shultz, que apesar de

os ataques do imperialismo. Problemas cuja resolução não é fácil e para a qual os países interessados terão de procurar o caminho que entenderem melhor, o que passa pelo estabelecimento de relações com quem considerem preencher de forma mais vantajosa as suas necessidades.

Nesse sentido aponta, por exemplo, a cimeira da Guiné-Bissau, onde entre outras coisas foi decidida a dinamização das relações entre os «cinco», através da formação de instituições comuns em vários sectores da sua economia.

A entreajuda entre os cinco países africanos de língua portuguesa passa também, como ficou expresso em Bissau, para a concertação de esforços para a pacificação da região, em particular no que se refere aos ataques da África do Sul a Angola e Moçambique; a independência da Namíbia; o apoio à luta da Frente de Libertação de Timor-Leste (Freltin) pela libertação do seu território invadido pela Indonésia.

Perguntar-se-á em que é que estas questões se prendem com a política externa portuguesa. A resposta é simples: se aos países africanos de expressão portuguesa cabe decidir quais os parceiros com quem preferir negociar, a nós cabe-nos apreciar que espécie de parceiro pretende ser o Governo PS/PSD e que consequências adiráver para Portugal da sua política em África.

Porque o que está em causa, para os portugueses, é se o actual governo não está disposto a servir de lança envenenada.

Uma lança envenenada para África, não para defender os interesses nacionais na base

do respeito e vantagens mútuas, mas para servir os interesses do imperialismo norte-americano.

Veja-se o comportamento do Governo PS/PSD, que não sendo convidado para estar presente em Bissau — um mímino de sensibilidade política teria impedido até a alusão a tal possibilidade, dada a delicadeza dos temas em debate, como o contencioso de Angola com a África do Sul e o caso de Timor-Leste — não teve o bom senso de enviar uma saudação, como fez o Presidente da República, Ramalho Eanes, desejando que a cimeira possa contribuir para potenciar os instrumentos diplomáticos, políticos, económicos e culturais necessários ao desenvolvimento em paz e à soberania dos países participantes.

Veja-se ainda a completa falha de medidas contra a acção que contra-revolucionários a mando da África do Sul desenvolvem em Portugal, apesar de se começarem a sentir os seus efeitos desastrosos, como o recente afastamento da Petrolgal de um empreendimento em Angola.

Veja-se por fim o caso concreto da base das Lajes, que a troca de uns tantos dólares éposta ao serviço da política agressiva dos EUA contra o Médio Oriente e transforma Portugal num alvo certo de qualquer confronto nuclear.

Como duvidar que assim não se defendem os interesses de Portugal? Com este Governo e com esta política o país transforma-se cada vez mais numa filial norte-americana o que será muito bom para a administração Reagan e péssimo para os portugueses.

PCP

Homenagem a José Dias Coelho

Várias centenas de pessoas associaram-se na passada segunda-feira numa singela homenagem a José Dias Coelho, militante comunista assassinado pela polícia política do fascismo, há 22 anos. O acto decorreu exactamente no local onde os esbirros da ex-PIDE assassinaram o nosso camarada e incluiu, para além de breves alocuções que enalteceram a figura e o exemplo do cidadão pintor e comunista, a deposição de uma coroa de flores sobre a lápide situada na rua onde o crime foi cometido.

Entre os presentes encontravam-se dois membros do Comité Central, os camaradas Abílio Martins, António Cordeiro e José Godinho, membro da Comissão de Freguesia de Alcântara do PCP e presidente da Junta de Freguesia.

Este último, numa intervenção evocativa das circunstâncias em que ocorreu o assassinato, abordou a situação social da população da freguesia, situação semelhante à que se vive um pouco por todo o país em resultado do agravamento das condições de vida e de trabalho. Em Alcântara, conforme salientou, existem também muitos trabalhadores cujas empresas têm os salários em atraso, que sofreram as ameaças de despedimento ou sentem os efeitos da repressão. Referindo-se à gestão da APU no decorrer deste ano que agora finda, o orador sublinhou que muitos dos projectos programados em benefício da população da freguesia estão concluídos ou em concretização, o que constitui também uma forma de homenagem a Dias Coelho.

A importância do X Congresso, da análise da situação política nacional lá efectuada, bem como das propostas dele resultantes mereceram também algumas considerações de Abílio Martins que salientaria a necessidade do reforço da luta de massa como elemento decisivo para a defesa da democracia e para a criação de uma alternativa democrática que abra caminho à resolução da grave crise que o País atravessa.

A importância do X Congresso, da análise da situação política nacional lá efectuada, bem como das propostas dele resultantes mereceram também algumas considerações de Abílio Martins que salientaria a necessidade do reforço da luta de massa como elemento decisivo para a defesa da democracia e para a criação de uma alternativa democrática que abra caminho à resolução da grave crise que o País atravessa.



OBRAS ESCOLHIDAS DE MARX/ENGELS OBRAS ESCOLHIDAS DE LÉNINE

Obras fundamentais dos fundadores do socialismo científico em 6 volumes.

Finalmente a tradução portuguesa rigorosa dos principais textos de Marx, Engels e Lénine

edições Avante!

e Editorial Progresso



O novo Comité Central e os seus organismos executivos

Membros efectivos

Abílio Lopes Martins Operário metalúrgico, 51 anos	António da Silva Mota Operário metalúrgico, 46 anos
Adelino Pereira da Silva Operário metalúrgico, 44 anos	Armando da Conceição Morais de Oliveira Operário metalúrgico, 38 anos
Albano Freire Nunes Intelectual, 42 anos	Armando Monteiro Nogueira Operário metalúrgico, 37 anos
Agostinho Nuno de Azevedo Ferreira Lopes Engenheiro, 39 anos	Artur José Vidal Pinto Operário, 37 anos
Alexandre Teixeira Operário metalúrgico, 31 anos	Aurélio Monteiro dos Santos Intelectual, 53 anos
Álvaro Cunhal Licenciado em Direito, 70 anos	Bernardina Lúcia Sebastião Operária, 30 anos
Américo Lázaro Leal Operário corticeiro, 61 anos	Branca Maria da Cruz de Carvalho Empregada, 30 anos
Ângelo Matos Mendes Veloso Intelectual, 53 anos	Carlos Alfredo de Brito Empregado, 50 anos
António da Conceição Andrez Empregado, 32 anos	Carlos Augusto Pinhão Correia Pequeno comerciante, 57 anos
António Dias Lourenço da Silva Operário metalúrgico, 68 anos	Carlos Campos Rodrigues Costa Intelectual, 56 anos anos
António Fernandes Martins Coelho Empregado, 43 anos	Carlos Alberto do Vale Gomes Carvalhas Intelectual, 41 anos
António Joaquim de Azevedo Ferreira Lopes Empregado, 36 anos	Carlos Aboim Inglês Intelectual, 53 anos
António Joaquim Gervásio Operário agrícola, 56 anos	Carlos Luís Figueira Empregado, 39 anos
António José Casmarrinha Operário, 36 anos	Carlos Manuel Ferreira da Paz Ramildes Operário, 34 anos
António José Orcinha Rodrigues Operário metalúrgico, 34 anos	Diamantino José Dias Operário metalúrgico, 33 anos
António dos Santos Murteira Engenheiro agrícola, 36 anos	Diniz Fernandes Miranda Operário agrícola, 54 anos
António Santo Operário metalúrgico, 55 anos	Domingos Abrantes Ferreira Operário metalúrgico, 47 anos
António dos Santos Graça	Domingos Oliveira Dias

Edgar Maciel Almeida Correia
Engenheiro, 38 anos

Ernesto dos Santos Afonso
Operário metalúrgico, 34 anos

Euclides Fernandes Pereira
Empregado, 42 anos

Eugenio Baeta Ribeiro Pisco
Operário metalúrgico, 32 anos

Fernando Blanqui Teixeira
Engenheiro, 61 anos

Fernando das Neves Teixeira
Operário, 40 anos

Francisco José de Almeida Lopes
Operário, 28 anos

Francisco Miguel Duarte
Operário, 76 anos

Francisco do Rosário Maia Lancinha
Operário, 48 anos

Georgete de Oliveira Ferreira
Operária têxtil, 58 anos

Henrique Florentino Pacheco das Neves
Operário metalúrgico, 27 anos

Henrique José Carvalho de Sousa
Empregado, 32 anos

Hipólito Fialho dos Santos
Operário metalúrgico, 43 anos

Horácio José Cecílio Rufino
Empregado, 33 anos

Ilídio Dias Esteves
Operário, 59 anos

Jaime dos Santos Serra
Operário, 62 anos

Jaime de Sousa Félix
Operário, 43 anos

João de Matos Bernardino

Joaquim Gomes dos Santos
Operário vidreiro, 66 anos

Joaquim Jorge Alves de Araújo
Intelectual, 47 anos

Joaquim Pires Jorge
Operário, 76 anos

Jorge Manuel Sario de Matos
Professor do ensino primário, 37 anos

José Augusto Esteves
Empregado, 36 anos

José Baptista Mestre Soeiro
Operário agrícola, 35 anos

José Carlos Almeida
Empregado, 52 anos

José Machado Moreira Rita
Operário agrícola, 41 anos

José Manuel Mendonça de Oliveira
Bernardino
Intelectual, 48 anos

José Nogueira da Silva Casanova
Operário, 44 anos

José Pedro Correia Soares
Operário, 33 anos

José Rodrigues Vitoriano
Operário, 65 anos

José Teodósio Cachochas
Operário metalúrgico, 38 anos

Júlio António Delaunay Filipe
Operário, 35 anos

Luísa Araújo
Empregada, 36 anos

Manuel Martins Pedro
Empregado, 52 anos

Manuel Sobral Antunes Pereira
Empregado, 39 anos

Manuel Vasco da Costa Ferreira Paiva

Maria Alda Barbosa Nogueira
Intelectual, 60 anos

Maria Helena Guimarães Medina
Intelectual, 33 anos

Maria Margarida Carmo Tengarrinha
Intelectual, 55 anos

Maria da Piedade Morgadinho Monteiro dos Santos
Intelectual, 50 anos

Maria Rosa Monteiro Rabial
Empregada, 30 anos

Marília Pereira Morais Villaverde Cabral
Empregada, 41 anos

Moisés Belo Calado
Operário agrícola, 36 anos

Octávio Floriano Rodrigues Pato
Empregado, 58 anos

Óscar Luso de Freitas Lopes
Professor catedrático, 66 anos

Raimundo do Céu Cabral
Operário agrícola, 36 anos

Raimundo Pedro Narciso
Intelectual, 45 anos

Rogério Rodrigues de Carvalho
Empregado, 63 anos

Rosa de Oliveira Dias
Operária têxtil, 27 anos

Sérgio Manuel de Sousa Teixeira
Operário 33 anos

Sérgio de Matos Vilarigues
Operário, 68 anos

Severiano Pedro Falcão
Operário, 60 anos

Sofia de Oliveira Ferreira Santo
Operária, 61 anos

Vítor Manuel Caetano Dias
Intelectual, 38 anos

Zita Maria Seabra Roseiro

Membros suplentes

Américo Bernardo Abalada Operário da construção civil, 30 anos	Fernando Lopes Oliveira Empregado, 31 anos
Ana Benedita Ramos Caro Operária agrícola, 36 anos	Francisco António Braz Caixinha Operário agrícola, 29 anos
António Afonso Lima Martins Operário da construção civil, 29 anos	Francisco Joaquim Lourenço Pereira Operário, 26 anos
António Baptista Cordeiro Operário, 32 anos	Francisco Rodrigues Lobo Operário metalúrgico, 52 anos
António José Anacleto Pequeno agricultor, 49 anos	Hélder da Silva Nobre Madeira Empregado, 44 anos
António Simões de Abreu Engenheiro, 36 anos	Henrique Nunes Lemos Operário, 39 anos
Armando da Silva Carvalho Agricultor, 30 anos	Horácio António Simões da Costa Guimarães Intelectual, 35 anos
Augusto da Silva Carreto Operário agrícola, 30 anos	Jerónimo Carvalho de Sousa Operário metalúrgico, 36 anos
Avelino Pacheco Gonçalves Empregado, 44 anos	João Alberto Garcia de Abreu Operário da construção civil, 27 anos
Carlos Alberto Cardoso Mendes Grilo Empregado, 38 anos	João António Torrinhas Paulo Operário metalúrgico, 34 anos
Carlos Manuel Guerra Fraião Intelectual, 35 anos	João José Alfacinha Pinheiro Operário, 39 anos
Carlos Vítor Baptista da Costa Intelectual, 44 anos	João Maria de Andrade Fernandes da Fonseca Empregado, 44 anos
César Manuel Cavalheiro Roussado Empregado, 38 anos	Joaquim Augusto Nunes Pina Moura Intelectual, 31 anos
Clarinda Maria Pinto Nogueira Empregada, 30 anos	Joaquim Caetano Bexiga Tofes Operário, 28 anos
Dionísio Moisés Simões Operário agrícola, 40 anos	Joaquim Estevão Miguel Judas Intelectual, 32 anos
Domingos Martins Morim Lopes Intelectual, 34 anos	Joaquim Fernando Gorjão Duarte Intelectual, 42 anos
Emídio José de Vasconcelos Pinto Ribeiro Intelectual, 35 anos	Joaquim Inácio Charneca Miguel Operário agrícola, 36 anos
Eulália Rosa Caeiro Miranda Operária, 29 anos	Joaquim Manuel Almeida Dias Operário, 38 anos
Fernando Esteves Vicente Engenheiro, 42 anos	Jorge Manuel Duarte Paixão
Fernando Freitas Rodrigues Empregado, 29 anos	

José Bento Paleta Fernandes
Operário metalúrgico, 35 anos

José de Sousa Cavaco
Engenheiro, 42 anos

José Eduardo Bicudo Decq Mota
Intelectual, 34 anos

José Francisco Madeira Cheira
Operário agrícola, 40 anos

José Gonçalo Simão Timóteo
Operário metalúrgico, 31 anos

José Luís Correia da Silva
Operário agrícola, 44 anos

José Manuel Aranha Figueiredo
Operário, 35 anos

José Manuel Calado Ferreira Neto
Intelectual, 36 anos

José Manuel Gomes de Freitas
Empregado, 40 anos

José Manuel Maia Nunes de Almeida
Operário metalúrgico, 38 anos

José Rodrigues Antunes
Operário, 28 anos

José Vieira
Operário metalúrgico, 35 anos

Lucínio Branco Amante Falé
Empregado, 39 anos

Luis Manuel da Silva Viana de Sá
Intelectual, 31 anos

Manuel António Teixeira de Freitas
Operário têxtil, 34 anos

Manuel António Vicente
Operário agrícola, 53 anos

Manuel Mendes Nobre Gusmão
Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa
anos

Maria da Conceição Moraes Matias
Empregada, 34 anos

Maria Elvira Barreira Ferreira Nereu

Maria Fernanda Santos Cardoso Mateus
Operária têxtil, 24 anos

Maria Fernanda de Sousa Barroso
Engenheira, 35 anos

Maria Leonor Maia Xavier
Operária agrícola, 33 anos

Maria Teresa de Azevedo Ferreira Lopes
Professora do ensino secundário, 32 anos

Miguel da Conceição João
Operário agrícola, 33 anos

Rogério Fernando da Silva Ribeiro
Professor e artista plástico, 53 anos

Rogério Francisco Arraiolos
Operário agrícola, 46 anos

Reinaldo Augusto Domingos da Ponte

Ruben Luís Tristão de Carvalho e Silva
Intelectual, 39 anos

Serafim Brás da Silva
Agricultor, 29 anos

Serafim Manuel Seatra da Silva
Operário agrícola, 30 anos

Virgílio Manuel França Azevedo
Operário metalúrgico, 28 anos

Vítor Alberto Alves dos Santos
Operário, 30 anos

Vítor José Cabrita Neto
Intelectual, 40 anos

Vítor Luís Cabral de Castro
Operário, 42 anos

Vítor Manuel M.

Organismos executivos

Comissão Política Efetiva

Álvaro Cunhal
Ângelo Veloso
Dias Lourenço
António Gervásio
Carlos Brito
Carlos Costa
Diniz Miranda
Domingos Abrantes
Fernando Blanqui Teixeira
Jaime Serra
Joaquim Gomes
Jorge Araújo
José Soeiro
José Casanova
José Vitoriano
Octávio Pato

Secretariado Efectivo

Eleitos
Álvaro Cunhal
Carlos Costa
Domingos Abrantes
Fernando Blanqui Teixeira
Joaquim Gomes
Jorge Araújo
Octávio Pato
Sérgio Vilarigues